

Fome e vontade de comer

JOÃO CARLOS RODRIGUES

Espelho de Carne — Direção: Antônio Carlos Fontoura. Argumento: Vicente Pereira. Roteiro: Antônio Carlos Fontoura. Fotografia: Carlos Egberto Rocha Faria da Silveira. Diretor de Produção: Cesar Cavalcanti. Cenografia: Carlos Prieto. Figurinos: Carlos Prieto. Montagem: Denise Fontoura. Música: David Tygel. Som: Ismael Cordeiro. Elenco: Hileana Menezes, Denis Carvalho, Maria Zilda, Daniel Filho, Joana Fomm, Helena Cardoso. Produção: Enigma Sociedade Civil Ltda. Duração: 1h30.

Estrela Nua — Direção: José Antônio Garcia e Ícaro Martins. Argumento e Roteiro: José Antônio Garcia e Ícaro Martins. Fotografia: Antônio Meliande. Diretor de Produção: Geraldo José Marinho Filho. Cenografia: Oswaldo Afonso Mesquita Filho. Figurinos: Emília Beatriz Magalhães Duncan. Montagem: Eder de Azevedo Mazzini. Música: Arrigo Barnabé. Elenco: Carla Camuratti, Cristina Aché, Jardel Mello, Ricardo Petraglia, Selma Egrei, Vera Zimmerman, Cida Moreyra.

Escolhido um dos representantes brasileiros no recente Festival do Rio, *Espelho de Carne*, de Antonio Carlos Fontoura, até que recebeu boas críticas, embora tenha desagradado a quase todas as facções presentes à sala Glauber Rocha do Hotel Nacional. Se o filme não possui os requisitos adequados a uma competição internacional, nem por isso merece ser apedrejado por jacobinos moralistas. Assisti pessoalmente ao representante oficial (ou seria oficioso?) de uma república africana de expressão portuguesa declarar abertamente que se o filme tivesse sido realizado em seu país, o "camarada" Fontoura teria ido parar na cadeia. É o caso de indagar: seria isto um defeito do filme... ou, quem sabe, lá do regime vigente no tal país?

O enredo de *Espelho de Carne* tem todos os ingredientes possíveis para entreter o público urbano. Jo-

vem casal compra num leilão um estranho espelho que pertenceu a um grande bordel. Pouco a pouco mudam de comportamento, como que possuídos pelo objeto, e cometem quase todas as variantes do pecado da luxúria, com amigos, vizinha, criada e até com desconhecidos. Dilema final: quebrar ou não o maldito objeto para libertar-se do Mal?

O primeiro equívoco cometido pela direção me parece o próprio tratamento dado ao tema. Das duas opções principais, endossar o sobrenatural (o espelho é realmente mágico e possui os personagens) ou criticá-lo (o espelho então seria apenas um mero pretexto para que os personagens liberassem sua sexualidade reprimida), o cineasta preferiu a primeira e mais perigosa, porque dificultado pelas nítidas intenções satíricas do texto original de Vicente Pereira. Uma das convenções do cinema fantástico é que o sobrenatural seja levado a sério, não apenas pelos personagens, mas ainda pela *mise-en-scène*. Se não, como impressionar a platéia? No caso deste filme, o espelho (onde habitaria um demônio) é canhestramente iluminado por uma cafona e desnecessária luz vermelha, agravada por uma trilha sonora telegráfica que, à primeira nota, já nos faz adivinhar "lá vem o espelho aprontar novamente..." Na sequência final, quando todos (menos o espectador) vêem o dito demônio finalmente surgir, fica demonstrada a origem teatral da história e o roteiro feito às pressas.

O segundo erro está exatamente na adaptação do original, do qual sobraram apenas a idéia geral e os diálogos das seqüências das mulheres entre si. Enquanto na peça, o jovem casal é novo-rico e acaba de mudar-se de um quarto-e-sala para um apartamentinho melhor, no filme ele habita um luxuoso edifício no moderno bairro de São Conrado. Ora, quem mora em tais locais não possui os problemas morais dos personagens. Como crer que a vizinha interpretada por Maria Zilda, tão magnificamente vestida, tenha de bater ponto numa repartição e jamais possa chegar um minuto atrasada? Por outro lado, enquanto na peça as cenas de sexo são apenas sugeridas por estranhos ruídos em *black-out*, no filme elas surgem no velado apogeu do *softcore*. Não são eróticas, nem ao menos excitantemente pornográficas, simplesmente grotescas e ridículas, sem exceção. E numerosas, já que possuídos pelo diabólico espelho (reflexo do próprio inconsciente) os personagens trocam e destrocam de par nas mais variadas composições. Sadomasoquismo, adultério, masturbação, homossexualismo: todos ou quase todos os tabus burgueses são rompidos em seqüências desnecessárias e de constante mau gosto. Igualmente, a inclusão de cenas suplementares (o leilão, a portaria do edifício) ou de personagens apenas mencionados no original (a doméstica, o garotão mascarado) não cumpre a função de aliviar o excesso de diálogos. Na direção propriamente dita, Fontoura é sempre hábil em



Hileana Menezes, Maria Zilda, Daniel Filho, Joana Fomm.

lidar com os atores, em especial, com Ileana Menezes. É de assinalar entretanto o exagero de *closes* e planos americanos típicos da linguagem acadêmica de TV num filme repleto de nudez e palavões, o que impossibilitará sua divulgação por este meio de comunicação.

Depois de tudo o que acabou de ser dito, todos poderiam pensar que *O Espelho de Carne* é o pior filme do ano, o que também não é verdade... Existe nele uma inquietude, uma neurose que lateja na insatisfação eterna daqueles personagens medíocres e amedrontados, e creio que este aspecto neutraliza os muitos defeitos deste filme, que me parece mais vítima de uma adaptação inadequada e de uma produção às pressas. Seu principal problema é a indefinição: nem bem sobrenatural nem tanto sátira, nem pornochanchada nem pornô, nem vanguarda nem TV, nem carne nem peixe.

A Estrela Nua, de José Antonio Garcia e Ícaro Martins também trata de possessão, mas num ambiente bem diverso. Em São Paulo, uma jovem é contratada para dublar uma atriz depressiva que acaba de morrer num desastre de carro e, durante o trabalho, vai sendo possuída pela personalidade da falecida, até encontrar o mesmo fim.

Os diretores, autores do interessante *O Olho Mágico do Amor* e do maldito *Onda Nova*, sabem filmar

e transmitem sua paixão pelo cinema nas freqüentes citações a outros filmes, tanto na primeira parte (sátira à indústria cinematográfica nacional) quanto na segunda (onde entra o *suspense* propriamente dito). A mais inquietante delas refere-se ao filme de Arnaldo Jabor, *O Casamento*, exatamente o filme que está sendo rodado quando a atriz morre no desastre, igualzinho a Adriana Prieto, atriz de Jabor, morta em circunstâncias semelhantes.

A ágil e hábil montagem de Eder Mazzini (aqui talvez no seu trabalho mais brilhante) faz e desfaz o quebra-cabeça da complexa narrativa, que mescla o cotidiano da dubladora ao da atriz, o filme desta com as alucinações daquela. É ótima a trilha sonora de Arrigo Barnabé, incluindo o número musical com Cida Moreira numa sauna masculina, a exemplo da americana Bette Middler na Continental Baths de Nova Iorque na década passada. Boa a fotografia e boas as interpretações, tanto as realistas (Carla Camurati) quanto as estilizadas (Patrício Bisso).

Até aqui poderíamos supor ser *A Estrela Nua* o melhor filme do ano, o que provavelmente não será. Alguns diálogos emperram momentos que se pretendem sérios e/ou poéticos; os figurinos *kitsch* são pesadões quando se pretendem diáfanos, prejudicando as principais seqüências da angustiada atriz interpretada por

*Dois filmes unidos
pelo tema da
possessão*



Carla Camuratti.

Cristina Aché. Principalmente, salta aos olhos uma certa falta do que dizer, apesar da evidente competência para fazê-lo.

Estes dois filmes, unidos longinquamente pelo tema da possessão, revelam-se no entanto absolutamente diversos ao menor aprofundamento crítico. Em *Espeelho de Carne* o excesso de intenções e angústias do diretor sucumbe diante do seu academicismo e da adaptação apressada. Já em *A Estrela Nua* a linguagem não-

convencional e eficiente dos cineastas quase consegue nos desviar da falta de assunto. O que sobra em um falta no outro e assim, mesmo diferentes, os dois acabam se completando. Como a fome e a vontade de comer.

JOÃO CARLOS RODRIGUES é jornalista, crítico e roteirista de cinema e TV.
